

O “DINHEIRO DA CASA” VISITA A PRISÃO: GÊNERO, CIRCUITOS ECONÔMICOS E MORALIDADES NAS VISITAS PRISIONAIS¹

THE “HOUSEHOLD MONEY” VISITS PRISON: GENDER, ECONOMIC, CIRCUITS, AND MORALITIES IN PRISON VISITATION

Thamires Luz Chikadze²
Marcia da Silva Mazon³

RESUMO

O artigo analisa, a partir da experiência de mulheres visitantes de homens presos no complexo penitenciário de Lavínia/SP, as concepções e negociações em torno da família e do universo doméstico. A partir da Sociologia econômica de Viviana Zelizer e Eugênia Motta, investiga-se o uso e a circulação dos dinheiros, observando como o cálculo das despesas cotidianas é reconfigurado para incluir os custos da prisão. Nesse processo, a casa e a manutenção familiar expandem-se territorialmente entre a periferia da metrópole São Paulo e o interior paulista. Demonstra-se como as práticas e as tarefas socialmente atribuídas ao feminino tornam-se estratégias de relacionamento e de reprodução do espaço doméstico intramuros, revelando tensões entre dominação, violência de gênero e resistência. O artigo permite pensar a prisão a partir da tensão entre seu fechamento institucional e sua porosidade social marcada por relações de gênero.

PALAVRAS-CHAVE: mulheres; prisão; dinheiros; família.

ABSTRACT

Based on the experiences of women visiting incarcerated men in the penitentiary complex of Lavínia, São Paulo, this article analyses conceptions and negotiations surrounding family and the domestic sphere. Drawing on the economic sociology of Viviana Zelizer and Eugênia Motta, it investigates the use and circulation of monies, observing how the calculation of daily expenses is reconfigured to include the costs of imprisonment. In this process, the household and family upkeep expand territorially between the periphery of the São Paulo metropolis and the state's interior. The study demonstrates how practices and tasks socially attributed to the feminine realm become relationship strategies and

¹ As autoras agradecem as críticas e comentários dos pareceristas que permitiram polir melhor os argumentos do artigo.

² Doutora em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Ciência Política (PPGSP) da UFSC. A autora agradece a bolsa de doutorado do CNPq a qual tornou possível essa pesquisa. Membro do NUSEC - Núcleo de Sociologia Econômica. E-mail: luzthami@gmail.com. ORCID:0000-0002-1756-9100.

³ Docente e pesquisadora associada ao Departamento de Sociologia e Ciência Política e ao PPGSP; vice-coordenadora do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH), ambos da UFSC. Líder do NUSEC. E-mail: marciadasilvamazon@yahoo.com.br. ORCID: 0000-0002-2953-1089.

O “dinheiro da casa” visita a prisão: Gênero, circuitos econômicos e moralidades nas visitas prisionais – Thamires Luz Chikadze; Marcia da Silva Mazon – p. 166-186

mechanisms for reproducing domestic space within prison walls, revealing tensions between domination, gender-based violence, and resistance. The article allows us to consider the prison through the tension between its institutional closure and its social porosity, marked by gender relations.

KEYWORDS: women; prison; money; family.

INTRODUÇÃO

A terminologia encarceramento em massa é amplamente conhecida pela sociologia da punição e violência (Garland, 2001; Alexander, 2017). Nesse quadro, a prisão transcende o fato individual e passa a organizar o cotidiano das populações periféricas atingindo homens e mulheres encarcerados, bem como suas redes familiares, por meio da gestão de territórios submetidos à vigilância permanente. Ao analisar a experiência estadunidense, Loïc Wacquant (2009) diagnostica a transição do Estado social para o Estado penal, momento em que a retórica da assistência cede espaço à criminalização seletiva da pobreza. No contexto brasileiro essa dinâmica remonta ao Código Penal de 1890, cuja criminalização da “vadiagem” visava enquadrar a população negra recém-liberta dentro da disciplina do trabalho assalariado precário e sufocar sua autonomia cultural (Chalhoub, 1988). Em chave contemporânea, Michelle Alexander (2017) evidencia que o aparato carcerário atua como vetor de continuidade da segregação racial, configurando um projeto de marcação e controle dos corpos racializados. A prisão se impõe, assim, como uma barreira estrutural às possibilidades de emancipação e liberdade das populações negras e periféricas.

Essa inflexão na sociologia da punição — com raízes no impacto de *Vigiar e Punir*, de Michel Foucault (2014) — ganhou fôlego a partir de etnografias contemporâneas que superaram a ideia do cárcere como “mundo à parte”. Em vez de uma realidade isolada, tais estudos apontam para a porosidade da instituição prisional, que opera em estreita continuidade com as precariedades materiais das periferias, compartilhando condições de superlotação, escassez de água e déficit de infraestrutura urbana (Mallart e Araújo, 2021). Nesse horizonte, os “vasos comunicantes” tecidos pelo fluxo de cartas, bens de subsistência e redes familiares constituem a própria base de funcionamento da máquina

O “dinheiro da casa” visita a prisão: Gênero, circuitos econômicos e moralidades nas visitas prisionais – Thamires Luz Chikadze; Marcia da Silva Mazon – p. 166-186

carcerária (Godoi, 2017). Ao acompanhar essa perspectiva, argumentamos que as práticas de sobrevivência articulam despesas e circuitos de renda que desafiam as noções de impessoalidade e intercambialidade da ciência econômica tradicional, revelando-se indissociáveis do cuidado, da intimidade e das relações de gênero. Assim, este artigo investiga as despesas de mulheres que visitam homens encarcerados em Lavínia/SP mobilizando as contribuições de Viviana Zelizer e Eugênia Motta, a fim de evidenciar as continuidades materiais e simbólicas entre a casa e a prisão.

Viviana Zelizer (2011) argumenta que as práticas associadas ao dinheiro são atravessadas por classificações morais, distinções simbólicas e convenções sociais de atribuição de valor, demonstrando que o dinheiro e seus múltiplos significados precisam ser contextualizados em suas redes de relações. Ao dialogar com essa perspectiva, Eugênia Motta (2023) investiga os circuitos do “dinheiro da casa”, analisando como sujeitos constroem noções de família e domesticidade a partir das diferentes formas de circulação monetária no ambiente doméstico. Acompanhando de perto Zelizer, Motta detalha os marcadores sociais do dinheiro — como as categorias de dinheiro “certo” e “incerto”, “grande” e “pequeno” — e suas demarcações espaciais, a exemplo da divisão entre a “bolsa do quarto” e a “bolsa da sala”. Trata-se de um exercício que separa fisicamente o que precisa ser distinguido no plano moral, exigindo um anteparo material no mundo concreto. Essa espacialização revela a agência mútua entre pessoas e dinheiros, situando a casa não apenas como moradia, mas como um território relacional de circulação de recursos, julgamentos morais e consolidação de laços de pertencimento. Diante desse quadro, este artigo explora o que ocorre quando a casa ganha o terreno ampliado das prisões distantes, momento em que as rotinas de visitação prisional passam a operar como um esforço contínuo de reprodução do próprio espaço doméstico.

Este artigo é fruto de pesquisa de doutorado sobre mulheres visitantes de homens encarcerados.⁴ O trabalho de campo etnográfico realizou-se em duas pousadas destinadas ao acolhimento de *mulheres de preso* no município de Lavínia/SP, polo que abriga quatro penitenciárias masculinas no extremo oeste do estado de São Paulo, território especializado no cumprimento das penas em regime fechado (Godoi *et al.*, 2019). A

⁴ Agradecemos ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela bolsa de estudos que viabilizou a imersão em trabalho de campo.

pesquisa contou com a realização de entrevistas e observação participante junto a 12 mulheres hóspedes durante dois períodos: Campo I (janeiro a julho de 2021) e Campo II (junho a novembro de 2022). Enquanto a primeira etapa enfatizou o contato com moradores locais (nascidos e criados) e os rituais prévios à visitação, a segunda dedicou-se ao convívio direto com as visitantes e ao acompanhamento do trajeto de retorno à capital, incluindo hospedagem na casa de uma interlocutora. Esse trânsito contínuo articula o que definimos em estudos anteriores como “turismo penitenciário” ou “turismo de fundo” (Luz Chikadze e Mazon, 2020; 2025), expressando a constituição de mercados vinculados ao encarceramento em massa no *fundão* – em alusão a como esse território é reconhecido pelas mulheres visitantes demarcando uma distância geográfica e simbólica.

Neste ponto da análise, interessa-nos investigar as expectativas dessas mulheres quanto ao futuro imaginado ao lado dos homens que visitam — um horizonte projetado na construção de um lar compartilhado e na conformação de uma família após o cumprimento da pena. Conforme observamos em campo, as trajetórias biográficas de várias dessas mulheres periféricas são marcadas por episódios anteriores de violência de gênero, perpetrados por antigos parceiros que não estão presos. Nesse cenário, o cárcere passa a operar, paradoxalmente, como uma “antessala” relacional: algumas dessas uniões se constituíram com os companheiros já encarcerados, permitindo que o compromisso afetivo e os rituais de provisão existam sem o desgaste e o risco imediato da coabitação cotidiana. Essa distância física imposta pelos muros converte-se em uma margem simbólica para a idealização de uma domesticidade imune à violência. Ao articular o debate sobre o fetichismo do espaço doméstico (McClintock, 2010) à dimensão política do lar como refúgio e sustentação da vida (hooks, 2019), compreendemos que esse “lar imaginado” é performado e atualizado materialmente a cada fim de semana⁵. Ao mobilizarem o “dinheiro da casa” (Motta, 2023) para cozinhar e levar comida fresca no momento da visita, essas mulheres não apenas desafiam a precariedade imposta pela prisão, mas encenam intramuros o ritual da refeição em família, projetando a partir do presente as bases morais e afetivas de um futuro compartilhado.

⁵ Em Lavínia/SP as visitas presenciais acontecem nos sábados e domingos, por conta da distância geográfica pronunciada dois dias são então liberados. No caso das instituições próximas da capital paulistana as visitas acontecem em um único dia.

O artigo está estruturado em três seções. Na primeira delas, percorremos a territorialidade do complexo penitenciário de Lavínia/SP, analisando como as mulheres visitantes são interpeladas pela categoria nativa *mulher de preso* e de que maneira seus deslocamentos engendram uma rede de comércio e serviços que conceituamos como “turismo de fundo” (Luz Chikadze e Mazon, 2025). Na segunda seção, entrelaçamos as noções de dominação e gênero para investigar as trajetórias de violência vivenciadas por essas mulheres no mundo fora da prisão, demonstrando como o cárcere atua como uma “antessala” que viabiliza a projeção de uma família idealizada, ancorada na ausência da convivência doméstica imediata e na expectativa de um lar sem violência. Por fim, na terceira seção, mobilizamos a categoria analítica do “dinheiro da casa” (Motta, 2023) para discutir como as “políticas de morte” do sistema carcerário impõem a absorção dos custos da prisão no orçamento doméstico, convertendo os rituais de cuidado e visitação não apenas em encargos generificados, mas em fundamentais práticas de resistência.

A CIDADE, AS MULHERES E A EXPRESSÃO *MULHER DE PRESO*

O município de Lavínia/SP, a exemplo de grande parte do extremo oeste paulista, consolidou-se como um território especializado em penitenciárias masculinas de regime fechado. Nossas investigações evidenciam como essa especialização ultrapassou a dimensão estrita da segurança pública, configurando uma dinâmica estruturante de mercado. Em campo empírico, identificamos o uso da categoria nativa *turismo penitenciário* (Luz Chikadze e Mazon, 2020), que traduz as expectativas econômicas do comércio e dos serviços locais em torno do fluxo constante de mulheres visitantes. A proliferação de pensões, pousadas e frotas de táxi — embora mimetize a infraestrutura típica de qualquer cidade turística — precisa ser problematizada, pois sua força motriz é a própria instituição carcerária (Luz Chikadze e Mazon, 2025). Aos finais de semana, a paisagem urbana se transforma com a chegada massiva de mulheres e crianças oriundas, em sua maioria, da periferia da grande São Paulo. Diferentemente do turismo convencional, regulado por oscilações climáticas ou pelo calendário formal de férias, esse circuito opera em um regime permanente de “alta temporada”, cuja única interrupção decorreu da proibição das visitas presenciais durante a pandemia de Covid-19. Longe de

O “dinheiro da casa” visita a prisão: Gênero, circuitos econômicos e moralidades nas visitas prisionais – Thamires Luz Chikadze; Marcia da Silva Mazon – p. 166-186

expressar uma livre escolha de lazer, esse trânsito revela como a prisão captura a mobilidade e o trabalho dessas mulheres, tornando-as engrenagens indispensáveis (Godoi, 2017).

Durante a primeira etapa da pesquisa de campo (janeiro a julho de 2021), constatamos a centralidade do fluxo de visitantes e de seus padrões de consumo para a própria sustentação econômica do município de Lavínia/SP. No contexto das restrições sanitárias impostas pela pandemia de Covid-19, moradores locais enfatizavam que era exatamente desse “dinheiro das mulheres” que a cidade sentia falta; a projeção de um retorno à normalidade coincidia com a ansiedade pelo fim do *lockdown*, condição indispensável para que a circulação de pessoas e recursos voltasse a movimentar o comércio local. Essa centralidade empírica dialoga com o avanço contemporâneo dos estudos na sociologia da punição dedicados aos impactos do aprisionamento sobre os núcleos familiares (Comfort, 2008; Condry, 2007; Condry e Minson, 2021; Arditti, 2012; Duarte, 2013; Silvestre, 2013; Godoi, 2017; Lago, 2019). Torna-se fundamental sublinhar, portanto, que essas mesmas mulheres que sustentam materialmente a vida intramuros e dinamizam a economia das cidades-prisão despontam como as principais protagonistas políticas nos movimentos sociais em prol dos direitos da população carcerária (Lago, 2020).

Reconhecidas e interpeladas na dinâmica da cidade de Lavínia/SP pela designação de *mulheres de preso*, essas visitantes deslocam-se semanalmente para as jornadas de visita aos sábados e domingos. Ao longo da pesquisa, para além da realização das entrevistas, fomos profundamente “afetadas” (Favret-Saada, 2010) pela exaustão física dessas mulheres, sobrecarregadas com o cuidado simultâneo da casa do universo extramuros e do familiar encarcerado. Esse esgotamento materializava-se em um ritual compartilhado por todas elas: após longas horas de trajeto na viagem de São Paulo a Lavínia/SP chegavam às pousadas na madrugada do sábado e, antes mesmo de qualquer descanso, dirigiam-se imediatamente à cozinha para preparar a comida do *preso*⁶ seguindo para a fila da penitenciária ao raiar do dia.

⁶ Ao longo do texto fazemos uso do *italico* para expressões da oralidade de nossas interlocutoras, ou seja, tal como são empregadas inúmeras vezes fazendo parte do seu universo naturalizado. Elas constantemente estão se referindo ao familiar encarcerado como *o preso*; *lá vou eu cozinhar para o preso*; *imagina você que o preso me pediu lasanha*; *nossa como o preso está magro*.

Conforme analisamos em artigo anterior (Luz Chikadzee; Mazon, 2020), a centralidade do ritual de visitação organiza-se em torno do imperativo de cozinhar e entregar a refricção fresca companheiro reproduzindo parte do ritual doméstico na prisão. Essa prática de cuidado engendra, por sua vez, um nicho específico de mercado e sua respectiva precificação: o aluguel do espaço das cozinhas nas pousadas, tarifado por meio de taxas extras para o uso de fogões, fornos e *freezers*. Nota-se um esforço minucioso para fazer com que a comida entre na prisão o mais fresca possível. Por isso, cozinham na última hora ou colocam o despertador com antecedência para esquentar o alimento no micro-ondas antes de irem para a porta do presídio. O mesmo malabarismo prático ocorre com as bebidas: os refrigerantes são mantidos no congelador e, diante da imposição institucional que veta produtos congelados na revista, as mulheres recorrem à água quente do chuveiro pela manhã para descongelá-los rapidamente.

A expressiva maioria dessas mulheres viaja a Lavínia/SP acompanhada de crianças, em geral filhas e filhos do homem encarcerado — uma vez que crianças de relacionamentos anteriores têm seu ingresso vetado pelas normas institucionais, permanecendo nas pousadas sob o cuidado compartilhado de outras mulheres. Compreendemos essa exaustão corporal e mental como resultado de um território doméstico ampliado, que transcende os limites físicos da casa e atravessa o próprio cárcere. No cotidiano da capital, nossas interlocutoras atuam como empregadas domésticas, cuidadoras, babás, cabeleireiras, manicures e vendedoras, de modo que os deslocamentos ao interior paulista operam como uma extensão direta desse trabalho reprodutivo e de cuidado. Todas as mulheres que integraram o campo empírico são trabalhadoras que encontram nos arredores da prisão oportunidades pontuais de renda extra para fazer frente aos custos compulsórios que a instituição lhes impõe. Essa economia informal nos dias de visita, contudo, não exclui sua dependência do trabalho na metrópole nem a busca constante pela estabilidade conferida pelo emprego formal.

Evidenciamos a exaustão corporal dessas mulheres ancorando-nos na proposição de Donna Haraway (1995, p. 18) sobre a “corporificação do conhecimento” e a produção de saberes localizados, horizonte no qual a objetividade feminista emerge de uma perspectiva parcial e corporificada, em recusa expressa ao “olhar conquistador que não vem de lugar nenhum”. Pesquisar diretamente com mulheres no contexto do cárcere

O “dinheiro da casa” visita a prisão: Gênero, circuitos econômicos e moralidades nas visitas prisionais – Thamires Luz Chikadze; Marcia da Silva Mazon – p. 166-186

impõe o reconhecimento de uma agência à qual não é dada a prerrogativa de prescindir da materialidade do próprio corpo. Essa condição torna-se ainda mais evidente no entorno das prisões, território onde o desgaste físico e o trabalho reprodutivo do cuidado entrelaçam-se a engrenagens contínuas de racialização e controle penal (Alexander, 2017). Assim como as precariedades materiais e de infraestrutura conectam o dentro e o fora dos muros prisionais (Mallart e Araújo, 2021), a exaustão corporal feminina opera em idêntico regime de continuidade. Recai sobre essas mulheres a sustentação cotidiana da vida em espaços domésticos ampliados pela prisão, nos quais a sobrecarga e o desgaste do trabalho de cuidado, assim como sua carga emocional, permanecem invisibilizados, e como veremos ao longo do texto é na possibilidade de torná-lo visível que as mulheres operam mercados e mecanismos de resistência.

A invisibilidade do trabalho reprodutivo e de cuidado ganha contornos nítidos na generalização produzida pela categoria nativa *mulher de preso*. Como categoria socialmente situada, ela mobiliza regimes de sociabilidade que regem simultaneamente a identificação recíproca entre as próprias mulheres, o escrutínio moral da sociedade abrangente e a exigência de uma determinada performatividade de gênero. Tal complexidade é elucidada com particular clareza no relato de nossa interlocutora Ana:

Têm várias mulher de preso; umas estão ali porque elas gostam da vida que o cara tem; o cara está preso, mas está bancando ela lá fora, e a outra é que está ali esperando a mudança do preso e é ela quem sustenta o preso e não o preso que sustenta ela. Quem está na vida errada ele acaba sustentando a companheira do lado de fora né. Agora quem está ali tentando mudar não; é a gente quem tem que manter ele lá dentro e manter a vida do lado de fora também. Só que as pessoas generalizam tudo. Viu uma ali de um jeito todo torto e acha que todo mundo é assim. Que nem eu falo; ah o marido dela está preso então ela não presta também? E não é assim! Eu trabalho, eu levanto cedo, eu volto tarde. Às vezes eu trabalho mais do que a pessoa que está ali me julgando e ela não sabe, acha que só porque o marido está preso eu também não presto. (Ana conheceu o marido na rua, fora da prisão eciente do processo jurídico em andamento que poderia vir a incriminá-lo. Ela o visita há um ano e nove meses)⁷.

⁷ Fragmentos de entrevista gravada no dia 03 de setembro de 2022.

A elaboração de Ana sobre o que significa ser *mulher de preso* revela três dimensões analíticas fundamentais. Primeiramente, evidencia a tensão entre a heterogeneidade interna da categoria e a homogeneização estigmatizante do olhar social (*têm várias mulher de preso, só que as pessoas generalizam tudo*). Em segundo lugar, estabelece uma clivagem moral entre dois perfis de conduta: aquela que se vincula ao homem pelos ganhos do crime e do mercado ilegal (*porque gosta da vida que o cara tem*) e aquela que aposta na regeneração do companheiro (*está ali esperando a mudança do preso*), assumindo os custos de sua sobrevivência e orientando-se por uma racionalidade substantiva do cuidado. Por fim, a narrativa denuncia a contaminação do estigma carcerário, que conecta a visitante ao homem preso sob uma suspeição moral automática (*só porque o marido está preso eu também não presto*). Esse julgamento generalizante opera um duplo apagamento: desconsidera a autonomia da mulher como trabalhadora (*trabalho mais do que a pessoa que está ali me julgando*) e invisibiliza o fato de que a subsistência do homem dentro da prisão é integralmente custeada pelo trabalho dela no mundo extramuros. Revela-se, assim, como o encarceramento em massa (Alexander, 2017) estende seus tentáculos punitivos e morais para além das celas, atingindo diretamente as mulheres que sustentam a vida dentro e fora das grades.

Natália Lago (2019, p. 18) apresenta sua definição de *mulher de preso*. A autora sugere que gênero e sexualidade estão presentes na forma como as mulheres vão criando e atualizando suas relações consigo mesmas, com outras mulheres e com os homens presos:

O que é construído como feminino na pensão e na fila de visitas em Tamara é permeado por mulheres que negociam com as regras da administração prisional e com a presença do PCC, e que vivem momentos de desconfiança sobre quem é *mulher de preso* e quem não é. Ser uma *mulher de preso* passa por performar uma feminilidade desejável; a feminilidade que excede, das *amantes* ou *garotas de programa*, quando não de discussões e acusações.

Em diálogo com a exigência de “performar uma feminilidade desejável”, Jacqueline Ferraz de Lima (2015) analisa a construção da categoria moral da “mulher fiel” junto a parceiras e esposas de integrantes do PCC, designadas como *cunhadas*. A adesão rigorosa a esse papel funciona como recurso relacional para a validação contínua de uma postura

O “dinheiro da casa” visita a prisão: Gênero, circuitos econômicos e moralidades nas visitas prisionais – Thamires Luz Chikadze; Marcia da Silva Mazon – p. 166-186

exemplar. Conforme Lima (2015), esses mecanismos normativos articulam-se às condições materiais do cárcere: a fidelidade demonstra-se na assiduidade das visitas, no envio de um *jumbofarto* (sacola obrigatoriamente transparente que entra na prisão nos dias de visita) e no preparo de refeições caseiras para o familiar detido. Essas tarefas de cuidado ganham alta valorização simbólica em oposição à escassez vigente atrás das grades. Contudo, a realização contínua desses rituais e seus custos expressivos precisam ser acomodados moral e cognitivamente ao cálculo do “dinheiro da casa”, composto por recursos sempre escassos e disputados (Motta, 2023).

Entre as mulheres acompanhadas em campo, construímos uma relação de proximidade com Paolla, interlocutora-chave ao longo de todas as etapas da pesquisa. Ao seu lado, realizamos a viagem no *ônibus da família* — transporte gratuito disponibilizado pelo Primeiro Comando da Capital (PCC) para as familiares de membros da facção —, no qual os únicos indivíduos do gênero masculino a bordo eram o motorista e algumas crianças. Logo no embarque, observamos como a identidade pública daquelas passageiras era mediada pela vinculação conjugal com o homem encarcerado: a chamada de presença articulava o nome da mulher ao apelido (vulgo) do parceiro, sendo respondida por fórmulas como “Claudia do Messias”, “Juliana do Oitavo” ou “Maria do Valsa” (todos são exemplos fictícios). Esse vínculo relacional operava, em termos práticos e simbólicos, como a credencial indispensável de acesso àquele transporte. Ao longo das quase 12 horas de trajeto entre Lavínia/SP e o Terminal Barra Funda, na capital paulista, inúmeros relatos foram compartilhados, revelando uma expressiva heterogeneidade socioeducacional — desde mães sem escolarização formal até graduandas em Direito. Todas elas, não obstante, convergiam no compromisso inegociável de manter a rotina de visitas ao companheiro detido, e de estarem retornando a casa com a sensação de dever cumprido.

A PRISÃO COMO REVELADORA DAS CONTINUIDADES NAS VIOLÊNCIAS DE GÊNERO

Na tessitura analítica desta seção, recorreremos ao *Dicionário Crítico do Feminismo* (Hirata *et al.*, 2009) para articular dois conceitos estruturantes: dominação e gênero. A dominação, conforme formulação de Erika Apfelbaum (2009), opera a partir de uma

O “dinheiro da casa” visita a prisão: Gênero, circuitos econômicos e moralidades nas visitas prisionais – Thamires Luz Chikadze; Marcia da Silva Mazon – p. 166-186

assimetria estrutural na qual, por um lado, o polo dominante encarna a representação pretensamente universal das normas sociais e, por outro, o sujeito submetido é fixado em sua particularidade, marcado pela exclusão do todo ao qual, não raro de forma inconsciente, almeja pertencer. Por sua vez, a categoria gênero — indissociável das disputas e materialidades em torno do sexo — revela-se um operador analítico denso e de difícil desvinculação do binarismo natureza/cultura (Haraway, 1995), expondo as engrenagens pelas quais as assimetrias de poder são social e historicamente naturalizadas.

A dinâmica entre dominação e gênero atinge sua face mais contundente quando examinada em situações-limite. Ana Padilha (2023) analisa o assassinato de uma visitante de 22 anos, morta pelo parceiro dentro de uma unidade prisional no interior de São Paulo após manifestar a intenção de romper a relação, evidenciando a continuidade da violência de gênero mesmo no universo intramuros marcado pelo rigor da vigilância. A repercussão do caso em seu perfil pessoal na rede *Facebook* revelou discursos punitivistas que justificavam o feminicídio pelo fato de a jovem manter um relacionamento com um homem preso. Diante dessa *miséria coletiva que fere como uma fatalidade aqueles e aquelas amontados em lugares de rejeição social* (Bourdieu, 2011:85) essas mulheres constroem a imagem da *guerreira*. Essa imagem intenta legitimar sua conduta por meio da dedicação incondicional à sobrevivência do parceiro e no enfrentamento às precariedades da prisão. O sacrifício material - expresso no aporte financeiro constante e no cansaço das viagens - passa a funcionar como moeda moral para mitigar a reprovação pública associada ao estatuto de *mulher de preso*, ainda que essa *performance* do cuidado não as proteja contra os riscos da violência.

Em nosso trabalho de campo, o domingo dia 18 de setembro do ano de 2022 marcou um dos momentos mais sombrios na Pousada do Mário — um de nossos principais espaços de observação. Naquele dia, uma das hóspedes recebeu a devastadora notícia de que sua filha mais nova sofria abusos sexuais recorrentes por parte do próprio pai e seu ex-companheiro. Tomada pelo choque, ela encontrou imediato acolhimento na solidariedade das demais mulheres presentes na pousada, que prontamente arrecadaram pequenas quantias em dinheiro para viabilizar um almoço comunitário. Sentadas à mesa, na cozinha da pousada, em um gesto de apoio mútuo, o sofrimento compartilhado abriu espaço para o desabafo: naquele círculo, não havia uma única mulher que não tivesse sido

O “dinheiro da casa” visita a prisão: Gênero, circuitos econômicos e moralidades nas visitas prisionais – Thamires Luz Chikadze; Marcia da Silva Mazon – p. 166-186

marcada por experiências de agressão e traumas decorrentes da violência de gênero, mas nenhum dos relatos fazia parte de suas histórias com o homem preso a quem visitavam.

Santa, interlocutora vinculada a uma denominação pentecostal, já havia relatado a trajetória conflituosa que marcou seu casamento com o pai de suas três filhas — circunstância que a motivou a buscar na igreja um refúgio diante das tensões do ambiente doméstico, dinâmica amplamente documentada na etnografia de Spyer (2020) sobre a sociabilidade evangélica na Bahia. Essa experiência insere-se em uma memória intergeracional de violências de gênero: Santa testemunhou, ainda na infância, a relação abusiva enfrentada pela própria mãe, episódio decisivo que culminou no seu precoce afastamento e rompimento com a família de origem:

O pai tinha me prometido uma surra; tudo para ele era motivo de bater! Ele tinha prometido uma surra pra minha mãe, eu me lembro como se fosse hoje, minha mãe falou assim: essa surra eu não vou tomar. Ele saiu para trabalhar e ela arrumou as coisas dela em uma caixa de papelão. Estava em casa só eu e a minha irmã, meu irmão mais novo tinha ido para a escola. Daí a gente ajudou a minha mãe a ir até o ponto de ônibus, com a caixa de papelão ela pegou o ônibus e eu vim ver a minha mãe só 3 anos depois (Santa se emociona e chora)⁸.

A mãe de Santa partiu para Pernambuco, de onde nunca mais retornou. Aos 16 anos, ao ter sua gravidez descoberta pelo pai, Santa foi expulsa de casa e passou a coabitar com o primeiro namorado — união que se estendeu até o momento em que conheceu seu atual companheiro, hoje preso em uma das unidades prisionais de Lavínia/SP. O primeiro contato entre os dois deu-se no espaço da igreja, período em que ela ainda mantinha o casamento anterior. Diante de reiterados episódios de violência doméstica e encontrando no novo parceiro uma rede de apoio e acolhimento, Santa tomou a decisão de romper o matrimônio e divorciar-se. Em seu relato abaixo nos conta como tudo aconteceu:

Meu atual noivo trabalhava a noite e ele saía a noite (o ex-marido), então o único momento que a gente podia conversar era a noite. E aí ele me mandava mensagens, algumas vezes ele me mandava: olha seu marido parou em tal lugar pra beber você não tem medo? Numa dessas conversas, ele sempre se despedia de mim com um *emoji*, pode ser que da parte dele tinha segundas intenções, mas da minha parte não tinha tido ainda. Ele me chama de bebê. Um dia meu esposo chegou em casa

⁸ Fragmentos de entrevista gravada no dia 03 de setembro de 2022.

bêbado e eu tinha pego no sono e o celular estava embaixo do travesseiro. Daí quando ele chegou, ele chegou me acordando, pegou o celular abriu, enfim, bebê e *emoji* de carinho assim de bichinho. E aí ele me bateu pela segunda vez. Aí ele me bateu mesmo, bateu, daí foi na cara. Se não fosse a minha filha entrar no meio..., mas eu já não tinha mais força. Chegou uma hora que eu falava: Mata! Mata que acaba, e acaba tudo isso logo, já acaba o sofrimento. Vou ter que trabalhar machucada, ferida, pagar as contas, não ver as minhas filhas crescer, eu não aguento mais isso. (Santa, 39 anos e visita o atual companheiro preso que conheceu na igreja).

O relato de Santa revela uma densa ecologia de sociabilidade de bairro: o atual companheiro — a quem ela visita na penitenciária de Lavínia/SP — acompanhava de perto o cotidiano da vizinhança, testemunhando os momentos em que o ex-marido entrava no bar e se embriagava durante o horário em que estava no trabalho. O fato de terem se conhecido na igreja local e compartilharem a mesma circunscrição territorial dialoga diretamente com as reflexões de Manuela Cunha (2002; 2008) sobre a continuidade entre o bairro e a prisão. Como demonstra a autora, a prisão não se impõe como uma ruptura exterior ou um corte radical na vida comunitária, mas opera como uma presença ordinária e estruturante que atravessa, reflete e reconfigura continuamente os laços vicinais, os julgamentos morais e as alianças afetivas tecidas no próprio bairro.

Aqui, a prisão revela o paradoxo da “ante-sala”: opera na imaginação desse lar com um homem que está fisicamente ausente, por estar preso. Isso produz um cuidado mediado pelo alimento fresco, encontros de intimidade, gastos com sua sobrevivência; sem o desgaste e o perigo da coabitação potencialmente violenta.

O “DINHEIRO DA CASA” VISITA A PRISÃO: CUSTOS, ORÇAMENTOS DOMÉSTICOS E RESISTÊNCIAS

A profundidade analítica dos relatos de Santa resulta da observação participante e da convivência prévia na pousada do Mário, ambiente no qual o compartilhamento de finais de semana e momentos de lazer com Paolla e outras interlocutoras consolidou uma

O “dinheiro da casa” visita a prisão: Gênero, circuitos econômicos e moralidades nas visitas prisionais – Thamires Luz Chikadze; Marcia da Silva Mazon – p. 166-186

sólida relação de confiança⁹. Residente na cidade de São Paulo, Santa conjuga o trabalho de babá com o empreendimento de uma esmaltaria dedicada ao *design* confecção de unhas em gel. Sua posição no campo distinguia-se pelo pertencimento religioso — era a única evangélica no grupo — e pelo vínculo com a irmã de seu companheiro encarcerado, com quem dividia sempre o mesmo dormitório com camas individuais e divisória sanfonada feita em PVC. Essa dinâmica espacial encontrava-se formalizada na própria rotina de reservas pela orientação de Mário: *guarda o quarto das crente*. É essa intimidade metodologicamente construída que confere densidade ao relato a seguir sobre os gastos de Santa com o noivo preso na cidade de Lavínia/SP:

Olha eu vou ser bem sincera contigo tá. Por mês vai um salário mínimo quase. Porque é assim, tem os gastos da viagem. Não sei nem se eu posso falar isso, mas é assim, todo mundo sabe que existe o *ônibus da família*, daí você não tem o gasto do ônibus, a maioria das vezes; uma vez ou outra que a gente não consegue a passagem e a gente tem que pagar e são R\$ 200,00 reais para ir e vir. Mais o gasto da alimentação, porque a gente traz a alimentação do final de semana, dos dias de visita eles comem o que a gente faz porque a casa (prisão) não dá; a casa dá arroz. É o que a casa dá, arroz e água! Esses dois dias de visita a casa não dá comida, é arroz e água! Então assim, eles se alimentam nesses dois dias da semana com o que a gente traz. Você traz uma carne, com os gastos que tem hoje! Carne, feijão, você quer fazer uma comida com menos de R\$ 100,00 reais você não faz. Então assim, vai R\$ 200,00 reais da passagem de ônibus, mais R\$ 100,00 reais de comida e mais a sua; pago uma pensão, eu pago um táxi, eu compro uma comida pra jantar e vai por uns R\$ 60,00 a R\$ 70,00. Parada (sem se movimentar) eu gasto R\$ 400,00 reais só com a visita, que é de 15 em 15 dias, então são R\$ 800,00 reais no mês. Aí uma vez no mês você manda o *jumbo*; você vai gastar aí pra você mandar açúcar, bolacha, leite em pó; quando você manda roupa é mais caro porque você tem que comprar roupa, meia, remédio, essas coisas menos de R\$ 200,00 reais você não gasta. Daí pra você mandar, menos de R\$ 80,00 reais você não paga. Então foi

⁹Cabe explicitar a posição da primeira investigadora enquanto neta de Mário e filha de Margarita, razão pela qual mobilizamos a perspectiva da "afetação" de Jeanne Favret-Saada (2010). O "afetar-se", nessa perspectiva, não se confunde com mero sentimento ou empatia; trata-se de ocupar um lugar relacional no campo empírico, no qual é atribuído à pesquisadora conhecimento prévio que excede os contornos da própria investigação — o de neta e filha no cotidiano dos respectivos estabelecimentos. Essa implicação instaura uma complexidade epistemológica que não se encerra na experiência de campo, mas reconfigura continuamente as tomadas de posição teórica. Trata-se, nas palavras precisas de Gilberto Velho (2013), de "estar permanentemente num processo de autodimensionamento paralelo e complementar ao seu trabalho com o objeto de que, afinal, ele faz parte".

uns R\$ 300,00 reais, só aí você tem uns R\$1.100,00 reais. Fora as cartas, selo. Agora mesmo ele está fazendo um tratamento dentário porque precisa mesmo, e eles pedem. Se eles precisam de qualquer procedimento médico é a gente que paga, não é o Estado! É a gente que manda tudo! É tudo! Em torno de R\$1.200,00 reais por mês (Santa, 39 anos; visita o noivo preso).

Cumpre destacar, inicialmente, o modo como Santa recorre ao termo *a casa* para nomear a prisão. A afirmação de que, aos finais de semana, *a casa não dá nada, só arroz e água* revela a porosidade das fronteiras carcerárias e o mecanismo pelo qual a prisão delega a sustentação material dos internos às redes familiares. Longe de ser autossuficiente, a rotina penitenciária apoia-se compulsoriamente no trabalho doméstico e na renda feminina, convertendo o dever estatal de assistência em um encargo orçamentário e moral assumido pelas visitantes.

O relato de Santa ilustra, na dimensão da sua “experiência existencial” (Velho, 2013), níveis de realidade onde o encarceramento em massa não isola os indivíduos em uma ilha econômica; ele cria, ao revés, uma drenagem sistemática do “dinheiro da casa” (Motta, 2023), no qual cada centavo é marcado por um denso “trabalho relacional e moral” (Zelizer, 2011) de resistência à desumanização carcerária. Essa desumanização carcerária manifesta-se com nitidez quando Santa relata a necessidade de custear o tratamento odontológico do noivo - encargo que se soma à compra de medicamentos e de todos os insumos vitais para assegurar a integridade física e as condições mínimas de existência do companheiro sob custódia do Estado. Assim, o trabalho de campo realizado nos circuitos adjacentes à prisão, a partir da partilha cotidiana com as mulheres que sustentam as redes de visita, atesta empiricamente o que Fábio Mallart e Fábio Araújo (2021) qualificam como uma “produção lenta e paulatina da morte”, forjada na malha de continuidades que entrelaça o dispositivo prisional às favelas e periferias.

Como evidencia Eugênia Motta (2023), a “casa” ultrapassa a dimensão espacial fixa para se constituir em um devir relacional e moral cotidiano, incluindo inclusive uma rede extensa de familiares, amigos, e o próprio bairro ou comunidade. Nesse circuito, recursos materiais e significados simbólicos não são categorias estanques, mas vetores em contínuo deslocamento que se espelham reciprocamente. A circulação, a retenção ou o repasse dos bens não apenas traduzem relações pré-existentes, mas constituem a própria

O “dinheiro da casa” visita a prisão: Gênero, circuitos econômicos e moralidades nas visitas prisionais – Thamires Luz Chikadze; Marcia da Silva Mazon – p. 166-186

dinâmica móvel pela qual os laços e as fronteiras domésticas são processualmente fabricados e negociados.

O orçamento de Santa — que compromete praticamente um salário-mínimo integral (R\$ 1.200,00) de sua dupla jornada como babá e empreendedora — é mobilizado para sustentar as fronteiras morais da sua família ampliada. A sobrevivência digna do noivo dentro da prisão é diretamente subsidiada pela gestão desse dinheiro feminino, evidenciando que os custos materiais da punição estatal são absorvidos pela economia doméstica periférica.

Quando acionamos Viviana Zelizer (2011), recusamos a noção de um único dinheiro impessoal, fungível ou inibidor de laços afetivos e íntimos. Ao contrário, são múltiplos os dinheiros e seus destinos assinalados seguindo uma heterogeneidade de relações pessoais, morais e de gênero – como no caso evidenciado pela autora do dinheiro encontrado pelas mulheres nos bolsos de seus maridos destinado a pequenos gastos com a casa. O dinheiro que Santa manuseia não é anônimo e como reforçamos a seguir cada centavo é intimamente direcionado à reprodução da sua relação com o noivo preso: o dinheiro do transporte e da pousada viabiliza o contato face a face e a presença física; o dinheiro da comida viva/decente (carne e feijão) opera como contraponto à comida degradada do Estado (arroz e água), materializando o cuidado e o afeto através do paladar e do preparo culinário; o dinheiro do jumbo (compras e frete) garante a subsistência básica e a integridade do corpo dentro do pavilhão; o dinheiro do socorro médico/odontológico assegura a saúde do parceiro diante do desamparo institucional.

Os gastos com o sustento da vida de homens privados de liberdade não constituem uma particularidade da trajetória de Santa, mas atravessam a experiência coletiva do universo feminino que estrutura o sistema de visitas no cárcere masculino. Em contraposição ao que a literatura especializada atesta sobre as prisões femininas (Padovani, 2017; 2019; Bumachar e Ferreira, 2015) - onde o abandono familiar é frequente e as internas são compelidas a tecer redes autônomas de suporte mútuo -, nos presídios masculinos a reprodução material é massivamente assumida por companheiras e familiares. Recuperando a formulação nativa trazida anteriormente por Ana, que diferenciou as mulheres que *mantêm o preso lá dentro* daquelas *mantidas por eles aqui*

O “dinheiro da casa” visita a prisão: Gênero, circuitos econômicos e moralidades nas visitas prisionais – Thamires Luz Chikadze; Marcia da Silva Mazon – p. 166-186

fora, o relato a seguir detalha como a própria interlocutora organiza e quantifica os custos indispensáveis à manutenção do marido encarcerado:

Então que nem eu que recebo um pouco mais de um salário-mínimo só que aí é Sedex uma semana sim outra não, daí já fica uns R\$ 200,00 reais. Enquanto mais longe maior o valor do Sedex. É dinheiro com advogado, porque, querendo ou não, advogado do Estado não fazem a mesma coisa e é bom quem dá pra pagar agiliza melhor. Então é advogado todo mês! Aí é o pecúlio que deposita pra ele poder comprar alguma coisa lá dentro que não pode estar entrando. E uma coisa que eu acho errado é sobre o Sedex: das coisas que eu mando são poucas as que entram. Fora os dias de visita né. Igual, fui pra Mongaguá/SP semana passada e foi R\$ 150,00 reais de gasolina mais R\$ 96,00 reais de pedágio¹⁰.

Ana introduz mais um gasto comum ao universo das mulheres familiares de homens encarcerados: a contratação de um serviço jurídico particular em contraposição à desconfiança relativa ao trabalho da defensoria pública sobretudo vinculada à dimensão da demora no andamento do processo. Nessa dimensão da análise é o “dinheiro da casa” que financia a liberdade. Na pesquisa da Eugênia Motta (2023) sua interlocutora tinha duas bolsas de dinheiro guardadas em espaços diferentes da casa, uma na cozinha para agradar os netos ou proporcionar gastos extras relacionados ao convívio da família. Uma outra bolsa escondida no guarda-roupas para possíveis emergências mais sérias. Desse modo, o “dinheiro da casa” não se restringe à reprodução biológica imediata como também é organizado para possíveis imprevistos e assegurar o destino da família. O gasto com advogados demonstra essa extensão da casa na abreviação do tempo na prisão.

No romance *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves (2022), a trajetória de Kehinde sintetiza a violência secular sobre a maternidade e a reprodução das mulheres negras. Engravida aos doze anos em razão do estupro perpetrado por seu “dono” — que morre pouco tempo depois —, a protagonista é levada a Salvador/BA pela sua *sinhá* que, por não gerar herdeiros, apropria-se da criança. Alugada a outro senhor, Kehinde burlava a contenção noturna e saltava muros para ninar o próprio filho, até ser flagrada pela polícia urbana. A cena explicita tanto a mutação das tecnologias de controle racial — na qual a vigilância privatista dos capatazes típica do meio rural cede lugar à repressão

¹⁰Fragmentos de entrevista gravada no dia 03 de setembro de 2022.

policial ostensiva no espaço urbano — quanto o esforço exaustivo e historicamente invisível da maternagem exercida por essas mulheres para manter seus laços vivos. Como adverte bell hooks (2019), a invisibilidade política desse trabalho de cuidado e a perda da casa enquanto trincheira histórica de resistência humanizadora fragilizam as redes quanto à despolitização do espaço do lar e da economia do cuidado, o que culminou no esgarçamento da solidariedade coletiva vulnerabilizada pela assimilação de padrões patriarcais e lógicas consumistas no cotidiano das famílias.

Como pontua bell hooks (2019, p. 108), a edificação do lar constituiu historicamente um território de domínio e agência das mulheres negras. Em contraposição à desumanização infligida no espaço público pela supremacia branca e pelo patriarcado, a casa forjava-se como um espaço de refúgio e resistência política — a base material e afetiva indispensável para a afirmação de si enquanto sujeito pleno, recusando a condição de mero objeto da opressão. Essa perspectiva elucida as tensas fricções entre a submissão à ordem e as práticas cotidianas de resistência:

Não importa que o machismo tenha lhes atribuído esse papel. É mais importante que elas tenham assumido esse papel convencional e feito com que se expandisse de modo a incluir o cuidado com os outros, as crianças, os homens negros, de maneira que nos elevaram o espírito, que impediram que nos desesperássemos, que ensinaram alguns de nós a ser revolucionários capazes de lutar pela liberdade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O recurso à Sociologia Econômica permite avançar na agenda contemporânea dos estudos prisionais ao evidenciar a porosidade do cárcere: a contenção de corpos racializados e periféricos transcende a dimensão puramente penalógica, enraizando-se na materialidade do cotidiano, na cultura e nas marcações simbólicas do dinheiro e dos afetos.

Neste artigo, demonstramos que casa e prisão não conformam polos dicotômicos ou mundos hostis; antes, operam em um contínuo de mútua retroalimentação; em particular a categoria dinheiro da casa nos permitiu explorar estratégias e expectativas operadas pelas mulheres que visitam homens encarcerados.

O “dinheiro da casa” visita a prisão: Gênero, circuitos econômicos e moralidades nas visitas prisionais – Thamires Luz Chikadze; Marcia da Silva Mazon – p. 166-186

As práticas de visitação, o jumbo, o envio de alimentos, as despesas médicas, a circulação do dinheiro e a manutenção dos vínculos afetivos apontam para a prisão como reorganizadora das condições de vida das famílias, em particular das mulheres. Mais do que uma prática de cuidado, há uma transferência de custo da reprodução social dos presos para as famílias, estando fortemente marcada por relações de gênero.

Essa interdependência revela-se tanto na capilarização e perpetuação das violências de gênero quanto na transferência compulsória dos custos da punição para o cálculo da economia doméstica - arranjo que sobrecarrega o trabalho reprodutivo das mulheres e engendra a produção sistemática de corpos exaustos.

REFERÊNCIAS

ALEXANDER, Michelle. **A nova segregação: racismo e encarceramento em massa**. Tradução de Pedro Davoglio. São Paulo: Boitempo, 2017.

APFELBAUM, Erika. Dominação. In: **HIRATA, Helena et al. (org.). Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Editora Unesp, 2009. p. 76-80.

ARDITTI, Joyce A. **Parental incarceration and the family: psychological and social effects of imprisonment on children, parents, and caregivers**. New York: New York University Press, 2012.

BOURDIEU, Pierre. **A miséria do mundo**. 8a ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2011.

BUMACHAR, Bruna; FERREIRA, Pedro Peixoto. No emaranhado prisional transnacional: o exercício da maternidade entre estrangeiras presas em São Paulo. In: **GOMES, Sílvia; GRANJA, Rafaela (org.). Mulheres e crime: perspectivas sobre intervenção, violência e reclusão**. Ribeirão: Edições Húmus, 2015. p. 47-65.

CHALHOUB, Sidney. Medo branco de almas negras: escravos, libertos e a polícia no Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 8, n. 16, p. 83-105, 1988.

COMFORT, Megan. **Doing time together: love and family in the shadow of the prison**. Chicago: University of Chicago Press, 2008.

CONDRY, Rachel. **Families shamed: the consequences of crime for relatives of serious offenders**. Cullompton: Willan Publishing, 2007.

CONDRY, Rachel; MINSON, Shona. Conceptualizing the effects of imprisonment on families: collateral consequences and secondary prisonization. **Theoretical Criminology**, v. 25, n. 4, p. 588-606, 2021.

O “dinheiro da casa” visita a prisão: Gênero, circuitos econômicos e moralidades nas visitas prisionais – Thamires Luz Chikadze; Marcia da Silva Mazon – p. 166-186

CUNHA, Manuela Ivone. **Entre o bairro e a prisão: tráfico e trajectos**. Lisboa: Fim de Século, 2002.

CUNHA, Manuela Ivone (org.). **Aquém e além da prisão: cruzamentos e perspectivas**. Lisboa: 90 Graus, 2008.

DUARTE, Thais Lemos. Amor, fidelidade e compaixão: "sucata" para os presos. **Sociologia & Antropologia**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 6, p. 621-641, 2013.

FAVRET-SAADA, Jeanne. **Deadly words: witchcraft in the Bocage**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

GARLAND, David. **The culture of control: crime and social order in contemporary society**. Chicago: University of Chicago Press, 2001.

GODOI, Rafael. **Fluxos em cadeia: as prisões em São Paulo na virada dos tempos**. São Paulo: Boitempo, 2017.

GODOI, Rafael; ARAÚJO, Fábio; MALLART, Fábio. Espacializando a prisão: a conformação dos parques penitenciários em São Paulo e no Rio de Janeiro. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, v. 38, n. 3, p. 591-611, 2019.

GONÇALVES, Ana Maria. **Um defeito de cor**. Rio de Janeiro: Record, 2022.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 5, p. 7-41, 1995.

HIRATA, Helena *et al.* (org.). **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

HOOKS, bell. **Anseios: raça, gênero e política cultural**. São Paulo: Elefante, 2019.

LAGO, Natália Bouças do. Dias e noites em Tamara – prisões e tensões de gênero em conversas com “mulheres de preso”. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 55, e195506, p. 1-29, 2019.

LAGO, Natália. Na ‘linha de frente’: atuação política e solidariedade entre ‘familiares de presos’ em meio à Covid-19. **Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social – Reflexões na Pandemia**, Rio de Janeiro, texto 80, p. 1-9, 2020.

LIMA, Jacqueline Ferraz de. **Mulher fiel: as "cunhadas" e o universo prisional**. São Paulo: Alameda, 2015.

O “dinheiro da casa” visita a prisão: Gênero, circuitos econômicos e moralidades nas visitas prisionais – Thamires Luz Chikadze; Marcia da Silva Mazon – p. 166-186

LUZ CHIKADZE, Thamires; MAZON, Marcia da Silva. Turismo penitenciário e arranjos institucionais de mercado. **Tomo**, São Cristóvão, n. 37, p. 289-322, 2020.

LUZ CHIKADZE, Thamires; MAZON, Marcia da Silva. “Turismo de fundo”: situando mercados no contexto do encarceramento em massa no estado de São Paulo. **Tempo Social**, São Paulo, v. 37, n. 1, p. 1-25, 2025.

MALLART, Fábio; ARAÚJO, Fábio. Uma rua na favela e uma janela na cela: precariedades, doenças e mortes dentro e fora dos muros. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 36, n. 1, p. 61-81, 2021.

MCCLINTOCK, Anne. **Couro imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial**. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

MOTTA, Eugênia. O que faz o dinheiro da casa. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 29, n. 66, e660602, p. 1-27, 2023.

PADILHA, Ana. O palco suplicial de uma guerreira: o estigma de ser mulher de preso em um episódio de linchamento virtual. **Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, Rio de Janeiro, Edição Especial n. 5, e55982, p. 1-24, 2023.

PADOVANI, Natália Corazza. **Sobre casos e casamentos: afetos e “amores” através de penitenciárias femininas em São Paulo e Barcelona**. São Carlos: EdUFSCar, 2017.

PADOVANI, Natália Corazza. Na caminhada: “localizações sociais” e o campo das prisões. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 55, e195501, p. 1-32, 2019.

SILVESTRE, Giane. **Dias de visita: uma sociologia da punição e das prisões**. São Paulo: Alameda, 2013.

SPYER, Juliano. **Povo de Deus: quem são os evangélicos e por que eles importam**. São Paulo: Geração Editorial, 2020.

VELHO, Gilberto. **Um antropólogo na cidade: ensaios de antropologia urbana**. Organização de Hermano Vianna, Karina Kuschnir e Celso Castro. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

WACQUANT, Loïc. **Punishing the poor: the neoliberal government of social insecurity**. Durham: Duke University Press, 2009.

ZELIZER, Viviana. **El significado social del dinero**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2011.

Recebido em: 30/06/26 Aprovado em: 26/08/26
--

O “dinheiro da casa” visita a prisão: Gênero, circuitos econômicos e moralidades nas visitas prisionais – Thamires Luz Chikadze; Marcia da Silva Mazon – p. 166-186